

O GUESSING GAME NA LEITURA DO CONTO LITERÁRIO

Maria Tereza Amodeo

mtamodeo@puers.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil)

Vera Wannmacher Pereira

vpereira@puers.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil)

Resumo: O artigo focaliza o *guessing game* (Goodman 1991; Smith 2003), na leitura do conto literário, em busca de sua compreensão, tomando como objeto de estudo *Betsy*, de Rubem Fonseca. Inicialmente são apresentados os fundamentos teóricos, associando leitura e *guessing game*, traduzido como “jogo de adivinhação”. A seguir, é demonstrada uma possibilidade desse processo metacognitivo realizado por um leitor possível. Após, são apresentados resultados de uma pesquisa com alunos de Letras examinando seus percursos de adivinhação na leitura desse mesmo conto. Nos comentários finais, são feitas reflexões sobre possibilidades dessa interface Psicolinguística/Literatura e sua aplicação no ensino.

Palavras-chave: Leitura; literatura; interface; *guessing game*.

Abstract: The article focuses the guessing game (Goodman 1991; Smith 2003), on the reading of a short story, in order to achieve its comprehension. The article takes as object of study the short story “Betsy”, by Rubem Fonseca. Initially the theoretical ground is presented, associating reading and guessing game, translated as *jogo de adivinhação*. Hereafter, a possible metacognitive process is demonstrated considering a possible reader. Thereupon, the results of a research realized with Languages’ Course students are presented, examining their guessing paths on the reading of the same short story. In the final comments, reflections on the possibilities of this Psycholinguistics/Literature interface and its application on teaching are made.

Keywords: Reading; literature; interface; guessing game.

Introdução

No presente artigo é examinada a leitura de um conto literário, com base nos estudos psicolinguísticos, considerando o processamento cognitivo do leitor, em busca da compreensão, no uso do *guessing game*, diante das potencialidades do material escrito, no que se refere ao uso das pistas linguísticas marcadas pelo autor,

dos conhecimentos prévios do leitor e dos procedimentos de automonitoramento por ele utilizados. Considerando o objeto de análise ser um texto literário, é realizada uma interface com os estudos literários (Costa & Pereira 2009), tendo em vista o modelo de análise da Psicolinguística (Pereira 2010) e as concepções da Teoria da Literatura no que se refere à Estética da Recepção e à Transculturalidade.

Nessa perspectiva, a proposta deste estudo associa duas áreas que são muito próximas, mas que a tradição acadêmica por vezes insiste em separar – a Linguística e a Teoria da Literatura. De qualquer forma, outros campos concorrem para realização desta tarefa, na medida em que o sujeito leitor, ao agir como tal, inquieta-se diante da vida – envolvido por um contexto social –, tem uma experiência psíquica individual, está marcado por vivências artísticas e códigos – que conformam seu senso estético – num mundo cada vez mais intermediado pelas tecnologias da informação, em que seu sistema neuronal atua incessantemente.

Embora todas essas considerações sejam válidas em relação a qualquer tipo de texto, quando se trata da literatura, que utiliza a linguagem nas suas dimensões mais radicais, ganham especial tom e intensidade. Assim se concebe a profunda interação entre as áreas da Linguística e da Teoria da Literatura, no que diz respeito à compreensão leitora do texto, à percepção de suas relações com o mundo e à emoção alcançada a cada descoberta – construções feitas pelo leitor durante o percurso da leitura (Amodeo & Pereira 2010). Esse caminho se abre para outros campos teóricos – a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia, a Arte, a Computação e as Neurociências, na medida em que se concebe um leitor cognitivo em contexto e que se emociona.

Nessa perspectiva, é proposta uma abordagem fundamentada na realidade física, segundo Basarab Nicolescu, que salienta a importância da conexão entre ciência e cultura. Segundo o autor, a dinâmica de pertencer a diferentes níveis da realidade, forma grupos de sistemas que não mudam sob determinadas leis. É preciso, segundo o físico, traduzir a “transgressão das fronteiras entre as disciplinas, sobretudo no campo do ensino e ir além da pluri e da interdisciplinaridade”, considerando o que denomina de transdisciplinaridade:

Hoje, a abordagem transdisciplinar é redescoberta, revelada, utilizada numa velocidade fulminante, consequência da necessidade de responder aos desafios sem precedentes de um mundo perturbado como o nosso. Não faz muito tempo, proclamou-se a morte do Homem e o fim da História. A abordagem transdisciplinar nos faz descobrir a ressurreição do indivíduo e o começo de uma nova etapa de nossa história. Os pesquisadores transdisciplinares aparecem cada vez mais como resgatadores da esperança. (Nicolescu 2008:11)

O presente artigo elegeu o conto *Betsy*, de Rubem Fonseca, para a demonstração desse *guessing game* na prática de leitura. Para tanto, o texto é analisado detalhadamente por segmentos, do início ao fim e são apresentados resultados de pesquisa realizada nesse foco.

A base teórica está nos estudos sobre processamento cognitivo e estratégias de leitura (Pereira 2009a), com ênfase na de predição, que explicita o jogo de adivinhação realizado pelo leitor e os efeitos processualmente alcançados, a partir da constituição do texto, como literário. Nascendo da imaginação humana, a literatura une os pontos de referência na observação da realidade ao pensamento poético, estando integrada, a um só tempo, com o mundo real e com o mundo subjetivo; influencia, assim, o inconsciente do homem de maneira ainda pouco conhecida. O elemento artístico da palavra literária torna-se, dessa forma, segundo Antonio Candido (1972), fator de humanização, ao possibilitar que o homem se reconheça e se redimensione através da representação que faz da existência, do mundo e do ser, expressando fantasias e desejos, aspirações e conflitos, realizações e superações.

A arte literária possibilita, pois, ao homem, o reconhecimento de si mesmo em um grupo histórico, com características próprias, específicas. Como fenômeno humano, a criação literária é tão complexa quanto a condição de seus criadores. A constatação da Literatura como manifestação de experiências humanas passa pela compreensão do mundo e de suas singularidades em diversos momentos históricos.

Os pressupostos da Psicolinguística tendo em vista a leitura da Literatura podem contribuir para que o leitor não apenas compreenda melhor o texto, percebendo as nuances da linguagem literária – que constrói universos ficcionais autônomos, de forte sentido imaginativo –, mas conheça seus próprios processos, como leitor, e assim construa possibilidades produtivas de estabelecimento de conexões com as experiências humanas – suas ou não –, sensibilizando-se diante da vida e, principalmente, da alteridade.

A proposta em questão pode contribuir para que leitores de literatura tenham, assim, consciência do próprio processamento utilizado para compreender o texto, assim como para organizar, na interface Psicolinguística/Literatura, práticas de leitura escolar que orientem os alunos para o uso de processos produtivos e o desenvolvimento da consciência sobre eles (Flôres & Pereira 2012).

1 - Leitura e adivinhação: fundamentos

À primeira vista, pode causar estranheza associar leitura e adivinhação. Faz parte do nosso universo de crenças, que constitui o senso comum, o ponto de vista de que *adivinhar* em leitura tem sentidos pouco positivos.

Um deles é o de que fazer adivinhações sobre o que está escrito num texto é indicativo de uma leitura apressada, gerando compreensão inadequada. Outro é o de que adivinhar indica leitura superficial. Outro também é o de que adivinhar é fazer suposições sem base, conduzindo a conclusões erradas ou pelo menos inconsistentes. Outro ainda é o de que adivinhar significa imaginar sem apoio no texto. Esses entendimentos definem o leitor como descomprometido e desinteressado e o resultado da leitura como dissociado do que o texto apresenta.

Aprofunda-se essa recusa no uso cultural do vocábulo, vinculando-o a brincadeiras, deciframentos de charadas, devaneios do imaginário e até a procedimentos mágicos e a ações de desvendamento do futuro. A concepção de leitura aqui desenvolvida, de cunho científico, se apoia nos estudos sobre processamento cognitivo, segundo os quais o jogo de adivinhação – também denominado antecipação, previsão – consiste em movimento significativo utilizado pelo leitor diante do texto – de seus elementos fônicos, morfossintáticos, semânticos, pragmáticos e textuais (Gombert 1992).

Esse conceito está vinculado a uma estratégia de leitura definida por Goodman (1991) e Smith (2003) – a predição, sendo presente nas diversas categorizações que tratam do assunto. Consiste num jogo psicolinguístico de adivinhação, um verdadeiro *guessing game* como originalmente nomeiam os autores, em que o leitor, com base nos conhecimentos prévios que possui sobre o assunto e sobre a língua em questão e com apoio nas pistas linguísticas (vocábulos, traços fônicos, estruturas morfossintáticas, sinalizações gráficas, distribuições espaciais, moldura textual, fatores semântico-pragmáticos...) deixadas pelo autor no texto, faz antecipações, previsões, enfim adivinhações sobre conteúdos do texto ainda não lidos.

Percebida de um modo mais amplo, é uma estratégia de compreensão dos fatos, das experiências que vivemos, enfim, do mundo, que é objeto constante de nossas leituras. Sem praticar a adivinhação, talvez não soubéssemos sequer definir as nossas rotas diárias, não conseguíssemos apostar em um futuro e nos organizarmos para vivê-lo.

Diante de um texto, o leitor realiza um verdadeiro exercício de apostas, um jogo instigante, que associa dados do texto/contexto, informações já presentes nele (leitor), conexões e emoções produzidas pelo cérebro, possibilitando, assim, a compreensão do material escrito, o estabelecimento de relações com o mundo e a elaboração da satisfação, do prazer com o próprio processo, com a leitura realizada e com o conhecimento construído. Quando se trata de um texto literário, que tem a marca da polissemia, assume papel mais relevante ainda.

Essa estratégia é considerada de grande amplitude, na medida em que abrange outras mais específicas. Em estudo realizado por Piccini e Pereira (2006), os autores, ao pesquisarem experimentalmente o uso do *guessing game*, definiram-no como constituído do automonitoramento, da autoavaliação e da autocorreção. Isso significa que o percurso cognitivo da adivinhação exige do leitor um nítido processo de consciência, que supõe período continuado de atenção (Dehaene 2007). Nesse sentido, para estar em condição de atenção, é necessário que o leitor: esteja atento não apenas aos seus conhecimentos prévios e às pistas linguísticas do texto, mas às adivinhações que realiza durante a leitura; mantenha seu foco de atenção nessas antecipações, avaliado-as, do ponto de vista de sua pertinência às pistas e aos elementos prévios; e as modifique, no caso de julgá-las impróprias.

Cabe salientar que, na base da adivinhação, está a inferência entendida aqui como uma das várias estratégias em rede identificadas pela Psicolinguística, no

processamento da leitura (Pereira 2009b). Isso significa que, para decodificar um texto, compreendê-lo, estabelecer relações desse material escrito com o mundo, construir emoções, chegar à satisfação, ao prazer com a leitura, inferências de diferentes níveis de complexidade, exigindo diferentes graus de esforço cognitivo, são condições indispensáveis. Certamente as inferências para decodificação dos sinais gráficos de um texto cujo código é de domínio do leitor são menos complexas do que as inferências para o estabelecimento de conexões entre fatos da história ou para o desvendamento de enigmas, como é o caso de narrativas de mistério, ou para o deciframento de processos surpreendentes, como é o caso de narrativas com a presença do mágico, ou ainda para a descoberta de desfechos pouco previsíveis, como é o caso de narrativas com intensas pistas polissêmicas.

Evidencia-se, assim, o fato de que o *guessing game* está vinculado não a um simples desejo do leitor, mas ao desejo de toda a situação de leitura, incluindo esse leitor, com seus conhecimentos prévios, seu estilo cognitivo, seu objetivo de leitura; o texto com seus traços de gênero e tipo (Adam 2008) e pistas linguísticas deixadas por quem o escreveu; o autor, com sua história e peculiaridades de proposta de escrita; o momento de criação e o de leitura; e o meio de veiculação do texto.

A configuração da situação de leitura define as rotas de adivinhação e o modo de percorrê-las, como mostram as exemplificações a seguir. Considerando o gênero textual, as predições do leitor devem apoiar-se, no caso de uma história, mais fortemente no encadeamento narrativo e na movimentação dos personagens, enquanto, no caso de um editorial, nas relações entre a tese e os argumentos. Considerando o objetivo de leitura, como a elaboração de um esquema das informações fundamentais de um texto de divulgação científica, as antecipações do leitor são realizadas nessa direção. Considerando o portador de veiculação de uma notícia (um determinado jornal de circulação), as adivinhações do leitor são realizadas com base no perfil desse portador. Considerando os conhecimentos prévios, se o leitor dispuser de poucos sobre o conteúdo do texto, cabe-lhe apoiar predominantemente suas predições nas pistas linguísticas.

Como explicitado até aqui, adivinhar é natural, relevante e necessário, sendo esse processo marcado pelo leitor – considerando seus conhecimentos prévios e seu objetivo de leitura – e pelo texto, considerando suas pistas linguísticas decorrentes do gênero, das seqüências dominantes, da organização e funcionamento dos planos linguísticos, o que define esse processo como desejável, concepção que inspira o presente artigo.

Tendo em vista o texto literário, mais especificamente o narrativo, toda essa construção cognitiva diz respeito a um universo ficcional que se revela como crível, verossímil, convincente (Aristóteles 1966). É preciso que os elementos internos da narrativa se articulem de forma a criar uma realidade que capte o leitor, que o seduza, suspendendo a sua própria realidade e deixando-se mobilizar por esta outra que surge tão e somente a partir do arranjo criativo das palavras, acionando os referentes do leitor.

Para demonstração do que foi até aqui exposto, na sequência deste artigo é apresentada uma possibilidade de *guessing game* na leitura de um conto, pressupondo uma determinada situação de leitura – um determinado leitor, com seus conhecimentos prévios e seu objetivo, e um texto, com as marcas linguísticas deixadas por seu autor.

2 - Um leitor possível e adivinhações possíveis

A projeção da leitura é realizada, neste tópico, na perspectiva de um leitor hipotético, em possíveis procedimentos preditivos por ele realizados, a partir da análise dos elementos oferecidos pelo material textual, estabelecendo conexões com seus conhecimentos prévios (acerca de vários elementos, como se verá) que dão suporte para a compreensão do texto. Desse modo, trata-se de uma situação construída com o objetivo de demonstração do processamento leitor da adivinhação. Claro já deve estar que não pode haver expectativa de que os movimentos demonstrados constituam o caminho de algum leitor real. Dada à natureza cognitiva do processamento, ele se constitui único, assim como os conhecimentos prévios são também únicos, por decorrerem de experiências próprias.

A situação de leitura construída para essa demonstração é uma arquitetura concebida envolvendo um suposto leitor maduro, isto é, com competência para realização de adivinhações – procedimentos preditivos com apoio em pistas linguísticas, conhecimentos prévios e automonitoramentos. O objetivo é demonstrar o processo de leitura desse leitor em suas possíveis antecipações, o que exige dele clara consciência dos processos realizados ao longo do caminho de leitura. Para isso, o texto é apresentado em segmentos, numerados sequencialmente, como se o leitor assim o fizesse – um caminho possível, com as adivinhações próprias de um *guessing game*, apoiadas na estratégia de inferência. Esse caminho, exposto a seguir, revela o jogo metacognitivo desse leitor diante de “Betsy”. Para tanto, o conto é apresentado em 15 segmentos sucessivamente numerados,

Betsy (1)

Rubem Fonseca (2)

(de *Histórias de Amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 9) (3)

Betsy esperou a volta do homem para morrer (4).

Antes da viagem ele notara que Betsy mostrava um apetite incomum. Depois surgiram outros sintomas, ingestão excessiva de água, incontinência urinária. O único problema de Betsy até então era a catarata numa das vistas (5). Ela não gostava de sair, mas antes da viagem entrara inesperadamente com ele no elevador e os dois passearam no calçadão da praia, algo que ela nunca fizera. No dia em que o homem chegou, Betsy teve o derrame e ficou sem comer. Vinte dias sem comer, *deitada* na cama com o homem. Os especialistas consultados disseram que não havia nada a fazer. Betsy só saía da cama para beber água.

O homem permaneceu com Betsy na cama durante toda a sua agonia, acariciando seu corpo, sentindo com tristeza a magreza de suas ancas (6). No último dia, Betsy, muito quieta, os olhos azuis abertos, fitou o homem com o mesmo olhar de sempre, que indicava o conforto e o prazer produzido pela presença e pelos carinhos dele (7). Começou a tremer e ele a abraçou com mais força. Sentindo que os membros dela estavam frios, o homem arranhou para Betsy uma posição confortável na cama. Então ela estendeu o corpo, parecendo se espreguiçar, e virou a cabeça para trás, num gesto cheio de langor. Depois esticou o corpo ainda mais e suspirou, uma exalação forte (8). O homem pensou que Betsy havia morrido. Mas alguns segundos depois ela emitiu novo suspiro. Horrorizado com sua meticulosa atenção o homem contou, um a um, todos os suspiros de Betsy. Com o intervalo de alguns segundos ela exalou nove suspiros iguais, a língua para fora, pendendo do lado da boca. Logo ela passou a golpear a barriga com os dois pés juntos, como fazia ocasionalmente, apenas com mais violência. Em seguida, ficou imóvel (9). O homem passou a mão de leve no corpo de Betsy. Ela se espreguiçou e alongou os membros pela última vez (10). Estava morta. Agora, o homem sabia, ela estava morta (11).

A noite inteira o homem passou acordado ao lado de Betsy, afagando-a de leve, em silêncio, sem saber o que dizer. Eles haviam vivido juntos dezoito anos (12).

De manhã, ele a deixou na cama e foi até a cozinha e preparou um café puro. Foi tomar o café na sala. A casa nunca estivera tão vazia e triste (13).

Felizmente o homem não jogara fora a caixa de papelão do liquidificador. Voltou para o quarto. Cuidadosamente, colocou o corpo de Betsy dentro da caixa. Com a caixa debaixo do braço caminhou para a porta (14). Antes de abri-la e sair, enxugou os olhos. Não queria que o vissem assim (15).

A partir daqui, os 15 segmentos são utilizados para demonstração do caminho possível acima referido.

O movimento inicial do leitor é dirigido para o segmento 1. A observação da letra maiúscula inicial e da centralização permite-lhe inferir, com base nos conhecimentos prévios, tratar-se do título do texto. O substantivo próprio do gênero feminino e suas vivências o estimulam à predição de Betsy como personagem central, uma mulher.

Dando continuidade à leitura, a atenção do leitor volta-se para o segmento 2. A existência de um autor confirma sua predição de *Betsy* como título. Como já o conhece, infere relações entre o texto e o autor. Prevê, então, que o texto deve desenvolver uma história que mergulhe com certa delicadeza na alma humana, oportunizando reflexões sobre a complexidade dos dramas de um personagem feminino. Essa possibilidade prepara seu cérebro para polissêmicas emoções.

Na sequência, o leitor lê o segmento 3. Com base em seus conhecimentos prévios, reconhece a informação como indicativa da fonte do texto, o que lhe permite inferir que a narrativa envolve o tema do amor e predizer que Betsy deve fazer parte de uma relação em que há amor. Isso fortalece sua hipótese anterior.

Prosseguindo, o leitor direciona sua atenção para o segmento 4. Infere, então, que aí está o início da história, encontrando-se Betsy em situação final de vida. Esse fato e a ausência de um nome para o *homem* permitem ao leitor predizer que a relação entre eles tem alguma peculiaridade e que a narrativa deve girar nesse eixo. A expressão *esperou... para morrer* indica-lhe uma relação importante entre ambos, em que Betsy tem identidade mais clara. Permite-lhe também antecipar sofrimento mútuo decorrente de um vínculo afetivo longo.

O leitor passa à leitura do segmento 5. Analisa as pistas linguísticas *apetite incomum* e *os novos sintomas* e confirma que Betsy está doente e que está piorando. A *catarata* indica-lhe, por sua vez, seu envelhecimento. Essas inferências possibilitam ao leitor fazer uma predição – o agravamento do estado de Betsy. Esse fato, observado pelo homem, confirma a existência de uma relação importante e longa entre ele e Betsy. O leitor paralelamente percebe que o homem continua sem nome, sendo referido apenas pelo pronome *ele*.

Dá continuidade à leitura, focalizando o segmento 6. Ao ler a expressão *algo que ela nunca fizera*, confirma a inferência de finalização. Do mesmo modo, a palavra *agonia*. A relação intensa entre as personagens se evidencia na última frase, construindo a inferência de ser uma relação amorosa. No entanto, a palavra *ancas*, considerando conhecimentos prévios culturais, gera uma dúvida no leitor sobre quem é Betsy, pois não parece apropriada para uma mulher, permitindo predizer ser o personagem um animal. Nesse momento, o leitor se automonitora, retoma os segmentos já lidos e refaz sua adivinhação inicial.

Prossegue seu caminho e lê o segmento 7. A observação da expressão *no último dia* conduz o leitor a inferir situação de morte e a predizer que Betsy morrerá proximamente. A expressão *olhos azuis*, por sua vez, faz o leitor avaliar sua adivinhação de ela ser um animal. Reflete e retoma a possibilidade de ser uma mulher. Em seu *guessing game*, as duas hipóteses passam a coexistir. No caso de ser um animal, o leitor levanta a possibilidade de ser um gato. Como tem dúvidas, faz retornos a segmentos anteriores, em processo de automonitoramento. Essas oscilações fazem-no retomar a consciência de estar diante de um material literário, assumir a dúvida como um traço possível e permitir o aprofundamento das emoções.

Chega, então, ao segmento 8. A análise de algumas expressões do texto, como *membros, se espreguiçar, langor, esticou o corpo*, permite-lhe confirmar a predição de se tratar de um animal. No entanto, outras como *ele a abraçou e na cama* contribuem para a dúvida. No caso de ser um animal, a predição do leitor vai se dirigindo para Betsy ser um gato ou um cachorro. Nesse momento, o leitor realiza releituras e automonitoramentos continuados, reflexões cotejadoras entre a ficção e a realidade, análises de confronto entre seus conhecimentos prévios e as pistas linguísticas, tudo contribuindo para a geração de emoções diante do material literário.

A seguir, passa à leitura do segmento 9. Com base nos trechos *língua para fora, pendendo do lado da boca e passou a golpear a barriga com os dois pés*

juntos, como fazia ocasionalmente e, ainda, tendo por base seus conhecimentos prévios, tende a confirmar sua hipótese de Betsy ser um gato e prevê o fim imediato da personagem. Observa, paralelamente, a relação entre ela, em entrega ao homem, e ele, em situação de controle dessa entrega, ambos em sofrimento. Prevê a intensificação desse sentimento. Para isso faz releituras monitorando suas compreensões.

Chega, então, ao segmento 10. Diante da expressão *alongou os membros*, o leitor renova sua convicção de que Betsy é um gato e diante da expressão *pela última vez*, considera que a morte chegou para a personagem. Seus conhecimentos prévios o auxiliam nesse entendimento e na previsão de que, embora um animal, o homem terá cuidados finais especiais com Betsy.

Continuando seu caminho, direciona sua atenção para o segmento 11. Neste momento da leitura, o leitor confirma suas predições sobre a natureza do personagem Betsy e sobre seu desfecho, inferindo que o homem ainda se encontra em movimento de consciência sobre os fatos que está vivendo. Prevê, então, que o autor fará os encaminhamentos do final de Betsy e, juntamente, os da narrativa explicitando um pouco mais a relação do homem com ela. Como não tem certeza, retoma alguns trechos, monitorando suas compreensões.

Chega, então, ao segmento 12. Com base em inferências, percebe cada vez mais nitidamente a relação entre os personagens. Percebe também que o autor segue na linha de confundir o leitor em relação à natureza de Betsy. Faz então uma antecipação em relação aos momentos finais da narrativa – a de que os fios do enigma ficarão cada vez mais evidentes. Neste momento, faz importantes automonitoramentos.

Dando continuidade, lê o segmento 13. Ao ler este segmento, o leitor confirma sua predição e realiza procedimentos de automonitoramento e de uso de conhecimentos prévios, embora as definições estejam cada vez mais claras. Nesse caminho, mergulha na literariedade do conto e no universo de emoções que ela instiga.

Pousa, então, seus olhos sobre o segmento 14. A expressão *caixa de papelão* tira-lhe qualquer dúvida sobre o enigma, o que é comprovado pela última frase. O leitor considera, então, que o segmento a seguir intensificará a evidência da relação entre os personagens.

Focaliza o segmento 15, que fecha o texto. Conforme as adivinhações realizadas, o leitor percebe com nitidez ainda maior a relação entre o homem e Betsy. Neste momento, passa os olhos pelo texto como um todo, procurando todas as engrenagens. Examina as conexões estabelecidas a partir dos quinze segmentos, reconstitui o caminho de leitura desenvolvido, as predições feitas e os procedimentos utilizados para isso – o uso de pistas linguísticas, a ativação de conhecimentos prévios e os automonitoramentos realizados – enfim o seu processamento cognitivo de inferências e adivinhações que contribuiu para a compreensão do conto em seus enigmas, a apreciação estética da narrativa

cuidadosa e delicadamente construída por Rubem Fonseca e a navegação pelas emoções oportunizadas.

Aqui se encerra, então, a exposição do *guessing game* possível de um leitor também possível, que, por meio de observações, inferências, antecipações e automonitoramentos, com apoio nas pistas linguísticas e nos conhecimentos prévios, penetrou nas relações entre Betsy e o homem e, por meio delas, na literariedade construída por Rubem Fonseca. No tópico a seguir, estão apresentados caminhos preditivos de compreensão desenvolvidos por estudantes de Letras reais, identificados e analisados por meio de pesquisa realizada por Pereira, em 2011, conforme indicação no tópico a seguir.

3 - Leitores reais e adivinhações reais

Neste tópico são apresentados percursos de leitura do mesmo conto Betsy realizados por leitores reais em *guessing game*, com base em pesquisa realizada¹, que teve como objetivo verificar a compreensão leitora e o uso de procedimentos preditivos.

Foram sujeitos da pesquisa 12 estudantes de Letras, distribuídos em 2 grupos – iniciantes (I) e concluintes (C) do Curso de Letras, expostos à leitura do conto *Betsy*, apresentado em dois formatos – segmentado (S) e contínuo (C). No formato segmentado, o texto foi apresentado em segmentos sucessivos, o que tornava disponível para leitura um segmento de cada vez. No formato contínuo, o texto era disponibilizado em sua totalidade, cabendo ao sujeito estabelecer seu caminho de leitura.

Para obtenção dos dados, foram utilizados três instrumentos: um Teste de Compreensão Leitora (com três questões de escolha simples), com o objetivo de verificar o entendimento de fatos fundamentais do conto; um Teste de Procedimentos Preditivos (protocolo verbal durante a leitura), com o objetivo de obter informações sobre o *guessing game* realizado pelos sujeitos; e um Teste de Percepções sobre os Procedimentos Preditivos (questões sobre as percepções dos sujeitos sobre seus caminhos de leitura), com o objetivo de examinar a consciência dos sujeitos sobre os percursos de adivinhação realizados.

Os dados coletados por meio do Teste de Compreensão Leitora indicam que, dos 36 acertos possíveis, considerando os 12 sujeitos, o grupo alcançou 23 acertos (64,88%). Observando a posição no curso, os iniciantes obtiveram 9 acertos e os concluintes 14 acertos. Examinando o formato de apresentação do texto para leitura, os dados são próximos – no segmentado houve 11 acertos e no contínuo, 12. Esses dados indicam que os estudantes de Letras compreenderam razoavelmente o conto Betsy, que os concluintes tiveram escores um pouco mais elevados do

1 - O projeto foi realizado no Centro de Referência para o Desenvolvimento da Linguagem – CELIN da Faculdade de Letras da PUCRS, com apoio da FAPERGS, do CNPq e da PROPESQ/PUCRS.

que os iniciantes e que os dois formatos de apresentação do texto influenciaram igualmente a compreensão.

De acordo com os dados obtidos por meio do Teste de Procedimentos Preditivos, os 12 sujeitos utilizaram pistas linguísticas, 11 deles fizeram automonitoramento e 2 se apoiaram em conhecimentos prévios. Considerando a posição no curso, o sujeito que não fez automonitoramento pertence ao grupo dos iniciantes e os 2 que utilizaram conhecimentos prévios são concluintes. No que se refere ao formato de leitura, o sujeito que não fez automonitoramento utilizou o segmentado e os 2 que não utilizaram conhecimentos prévios se distribuíram nos 2 formatos. Esse conjunto de informações indica que, em relação ao uso de procedimentos preditivos na leitura de *Betsy*, a posição no curso e o formato tiveram pouca influência.

Os dados obtidos por meio do Teste de Percepções sobre os Procedimentos Preditivos apontam o que segue: os 12 sujeitos estiveram de acordo (ou totalmente ou parcialmente) com a afirmativa de que “as pistas linguísticas e as pistas contextuais foram determinantes para a predição do que aconteceria a seguir”; os 6 sujeitos que leram os textos no formato segmentado consideraram, predominantemente, que a segmentação favoreceu a reflexão sobre os procedimentos preditivos e 5 dos 6 sujeitos que leram o texto no formato contínuo consideraram que a disponibilidade do texto na íntegra favoreceu a reflexão sobre os procedimentos preditivos, indicando que os 2 formatos foram considerados produtivos; 9 dos 12 sujeitos apontaram que suas reflexões preditivas ocorreram naturalmente sem estímulo do monitor, 7 dos 12 sujeitos afirmaram que essas reflexões decorreram de estímulo do monitor e os 12 sujeitos manifestaram-se satisfeitos em relação aos processos de predição realizados. Ao serem solicitados a “dar uma nota de 1 a 10 em relação à sua reflexão sobre procedimentos preditivos”, 2 sujeitos se atribuíram nota 10 (1 iniciante e 1 concluinte, ambos do formato contínuo), 1 sujeito se atribuiu 9 (concluinte do formato segmentado), 5 sujeitos se atribuíram 8 (2 iniciantes e 3 concluintes, 3 do formato contínuo e 2 do segmentado), 3 sujeitos se atribuíram nota 7 (2 deles iniciantes, 2 do formato segmentado) e 1 sujeito (iniciante e do formato contínuo) se atribuiu nota menor que 7.

Considerando os dados apresentados, cabe registrar que os estudantes de Letras apresentaram desempenho razoável em compreensão leitora, que os alunos concluintes tiveram desempenho melhor do que os iniciantes, que o formato de apresentação do texto para leitura (segmentado ou contínuo) não influenciou nos desempenhos dos sujeitos, que todos os participantes utilizaram as pistas linguísticas do texto e fizeram automonitoramento, que apenas 2 sujeitos utilizaram conhecimentos prévios, que todos consideraram como importantes as pistas linguísticas e as contextuais para fazer as predições e que a reflexão metacognitiva foi mais exigente por parte dos iniciantes.

A análise do processamento da adivinhação evidenciou os caminhos utilizados por estudantes de Letras para adentramento no conto literário *Betsy*, permitindo

verificar em que medida isso ocorreu e levantar possibilidades de intervenção pedagógica.

No tópico a seguir, finalizando este artigo, são retomados os dados referentes ao leitor possível e aos leitores reais, associando-os. Com base nesses vínculos são desenvolvidas reflexões sobre a interface Psicolinguística/Literatura e seu uso no ensino.

Comentários finais

Neste artigo, foi examinado o processo de leitura do conto *Betsy* como um jogo psicolinguístico de adivinhação que se traduz no uso da estratégia de predição, na interface da Psicolinguística com a Literatura.

Primeiramente foram apresentados os fundamentos teóricos, a seguir um caminho de leitura desenvolvido por um leitor potencial e posteriormente os caminhos realizados por leitores reais – estudantes de Letras.

Em relação à análise realizada com base num leitor possível, foi demonstrado que teórica e metodologicamente a estratégia da adivinhação tem como apoio a inferência e se realiza por meio de procedimentos preditivos como o uso de pistas linguísticas, de conhecimentos prévios e de automonitoramento. Ficou também evidenciado que esses procedimentos encaminham a compreensão, a observação da natureza literária do texto, a realização de conexões múltiplas e favorecem a satisfação com a leitura estimulada pelas emoções proporcionadas.

A pesquisa relatada, por sua vez, evidenciou como esses procedimentos ocorreram com leitores reais, no caso estudantes de Letras, a consciência sobre eles e suas relações com a compreensão. Os dados obtidos trouxeram as seguintes evidências: desempenho razoável em compreensão leitora, com escores um pouco mais elevados entre os concluintes; apoio produtivo das predições em pistas linguísticas e em automonitoramentos, porém pouco apoio nos conhecimentos prévios; ausência de influência do formato segmentado ou contínuo na compreensão e no uso de predições pelos leitores; algumas inconsistências nos processos metacognitivos de consciência sobre os próprios processos.

Associando as análises realizadas com um leitor possível e com leitores reais, pode ser verificado que há convergências em relação à busca da compreensão, à tomada da inferência como base cognitiva para a predição e ao apoio dos procedimentos preditivos nas pistas linguísticas e no automonitoramento. Pode ser verificada também essa convergência na forma de penetração no universo literário construído com muitos cuidados pelo autor. É visível ainda que os movimentos pelos leitores são ao mesmo tempo provocados pelas emoções próprias da leitura literária e delas decorrentes.

Esse quadro, associado às duas situações analisadas ao longo do artigo, indica a necessidade de fortalecer, durante o curso de Letras, o uso do *guessing game* com textos literários de sequências narrativas dominantes, como o conto, e a consciência dos leitores sobre esse processo. Aponta também a importância de

os dois formatos serem trabalhados de modo a discriminá-los tanto para o ensino como para a pesquisa. Essas são importantes identificações, considerando que podem trazer contribuições para o aprendizado da leitura dos estudantes e para seu preparo com vistas à docência nas escolas.

Tais resultados decorrem das associações entre teoria, pesquisa e ensino que orientaram o estudo e as reflexões desenvolvidas, dando sustentação ao presente artigo. O fundo teórico teve como eixo o processamento cognitivo da leitura com foco no *guessing game*, caracterizado por movimentos de adivinhação. Esse eixo deu suporte ao *design* da pesquisa, que contou com ferramentas computadorizadas *ad hoc*, possibilitando a obtenção de dados sobre procedimentos preditivos, compreensão leitora e percepções dos sujeitos diante do conto literário *Betsy*. O fundo teórico e os dados empíricos da pesquisa estiveram voltados para o aprendizado e o ensino, considerando constituírem-se os sujeitos em estudantes iniciantes e concluintes de Letras. Essas associações permitiram a identificação de pontos importantes para o ensino, já apontados anteriormente.

Quanto à interação com a Computação, foi determinante para a geração de ferramenta de pesquisa possibilitando a apresentação gradativa do texto ao leitor, denominado aqui de formato segmentado. Esse instrumento favoreceu a coleta de dados sobre os procedimentos utilizados pelos sujeitos e abre a possibilidade de seu uso em novas situações.

Em relação à interação entre Linguística e Literatura, o presente artigo elegeu a Psicolinguística, buscando os pontos convergentes com a Teoria da Literatura para isso – a compreensão como condição para a apreciação estética; a leitura como processo cognitivo de interação entre o texto, o autor e o leitor, numa dada situação de leitura; o texto literário como aberto a continuadas novas construções de sentidos resultantes das sucessivas sinapses cognitivas, donde a importância natural das adivinhações; a leitura com o uso de procedimentos preditivos e de reflexão metacognitiva sobre eles, como caminho para a abertura do horizonte de expectativas; e o apoio do processo de adivinhação em pistas linguísticas, conhecimentos prévios e automonitoramentos, condições para a constituição de processos conscientes indispensáveis para a construção dos sentidos.

O jogo psicolinguístico e literário para o qual Rubem Fonseca convida o leitor teve apoio na adivinhação, o *guessing game* natural, relevante e desejável. Para desenvolver esse percurso, os leitores, tanto o possível como os reais, fizeram apostas antecipatórias, monitoraram-nas, fizeram avaliações e realizaram correções, quando necessárias. A ação cognitiva sempre presente foi a inferencial em diferentes níveis de complexidade e esforço cognitivo.

A engenhosidade do autor, expressa no conto *Betsy*, favoreceu a engenhosidade do percurso de compreensão permitindo evidenciar a adivinhação como estratégia de leitura desejável do texto literário, possibilitando ao leitor uma aproximação à história, ao autor, aos personagens e à composição imaginação/realidade, como um momento de deciframentos e emoções peculiares.

A interface buscada com a Literatura, consideradas as particularidades do texto literário, mostrou que o texto configura-se como uma dinâmica relacionada a diferentes níveis da realidade. Associar os elementos da Teoria da Literatura com a Psicolinguística – e com outros campos naturalmente acionados no momento da leitura – significa conceber a leitura na sua complexidade de modo a contribuir para formar leitores mais competentes.

A perspectiva aqui adotada contribuiu para dar nitidez à sua relevância para a pesquisa e para o ensino em todos os níveis, mas especialmente no Fundamental, considerando constituir-se no momento de formação básica, que acaba por influenciar os níveis seguintes da escolaridade do leitor.

Disso decorre a indagação sobre como realizar esse ensino. Certamente, a escolha de textos literários de qualidade estética e geradores de inquietações e dúvidas é o início da organização do trabalho. Chegado o momento da aula, o material deve ser disponibilizado para sua leitura, cabendo ao professor orientá-la gradativamente, instigando os alunos a examinarem cuidadosamente as pistas linguísticas do texto, a refletirem sobre seus conhecimentos prévios e a estabelecerem conexões inferenciais e, a partir delas realizar o *guessing game* – fazer antecipações, monitorá-las, avaliá-las e corrigi-las, se for o caso, sempre em busca da compreensão do conteúdo e da apreciação estética. Para que isso aconteça, cabe ao professor estar atento ao processamento desenvolvido pelos alunos, de modo a fazer as necessárias intervenções nos momentos em que elas se revelam como necessárias.

Com um trabalho dessa natureza, aumentam as possibilidades de formação de leitores competentes, em relação aos alunos; e, em relação aos professores, de formação de orientadores de leitura eficientes.

Cabe aqui fechar o corpo destes comentários finais, dando relevo à necessidade de confirmação de um espaço próprio de investigação da leitura do texto literário em abordagem que aproxime teoria, pesquisa e ensino, com foco nas convergências entre Psicolinguística e Teoria da Literatura, de modo a explicitar os processos metacognitivos do leitor e, a partir dessas análises, apontar, com sustentação linguístico-literária, caminhos produtivos para o ensino da leitura.

Recebido em janeiro de 2016; aceite em fevereiro de 2016.

Referências

- Adam, J. M. 2008. *A Linguística Textual*. São Paulo: Cortez.
- Amodeo, M. T.; Pereira, V. W. 2010. Linguística e Teoria da Literatura: uma interface possível. *Letras de Hoje*. **45 (3)**: 18-25.
- Aristóteles. 1966. *Poética*. Porto Alegre: Globo.
- Candido, A. 1972. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*. **24 (9)**: 803-809.

Costa, J. C.; Pereira, V. W. 2009. *Linguagem e cognição*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Dehaene, S. 2007. *Les neurones de la lecture*. Paris: Odile Jacob.

Flôres, O. C. & Pereira, V. W. 2012. Ensino da compreensão leitora: faces e interfaces psicolinguísticas. *Linguarum Arena*. **3**: 75-87.

Gombert, J. É. 1992. *Metalinguistic development*. Chicago: The University of Chicago Press.

Goodman, K. 1991. Unidade na leitura – um modelo psicolinguístico transacional. *Letras de Hoje*. **26 (4)**: 9-43.

Nicolescu, B. 2008. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM.

Pereira, V. W. 2009a. Predição leitora e inferência. In: J. Campos da Costa (Org.). *Inferências linguísticas nas interfaces*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 10-22. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/inferencias>, acessado em 12 de dezembro de 2015.

Pereira, V. W. 2009b. Estratégias de leitura virtuais e não virtuais no ensino fundamental. *Anais do VI Congresso da Abralín*. **2**: 10-22. Disponível em: <http://www.abralin.org>, acessado em 3 de junho de 2009.

Pereira, V. W. 2010. Pesquisa em Psicolinguística. *Letras de Hoje*. **45 (3)**: 48-53.

Piccini, M. da S.; Pereira V. W. 2006. Preditibilidade: um estudo fundado pela Psicolinguística e pela Informática. *Letras de Hoje*. **41(2)**: 305-324.

Smith, F. 2003. *Compreendendo a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas.

